

O CONCEITO DE RETA RAZÃO NA SEGUNDA APOLOGIA DE JUSTINO DE ROMA

THE CONCEPT OF RIGHT REASON IN THE SECOND APOLOGY OF JUSTIN MARTYR

Jefferson Dionísio¹

RESUMO

Na Segunda Apologia, Justino, igual que na primeira, demonstra seus protestos contra as injustiças cometidas contra os cristãos por parte do Império Romano. Essa, direcionada as autoridades do Império, denuncia as acusações caluniosas feitas contra os cristãos, a partir das quais são injustamente julgados e condenados. De acordo com Justino, a conduta cristã, ao contrário do que se alinha, é exímia e exemplar, de modo que os cristãos, enquanto cidadãos, são pessoas honradas e virtuosas. Enquanto seres humanos, a conduta dos cristãos deve ser copiosa e exímia. Para Justino, os cristãos agem bem porque se permitem guiar pelo reto uso da razão. Partindo desta concepção justiniana de conduta cristã, é possível estabelecer a visão ético-moral na Segunda Apologia, analisando quais atos são entendidos como virtuosos e retos, e quais são viciosos e maus, ausentes do uso correto da razão, demonstrando assim, o que é e em que consiste a reta razão. Logo, o objetivo deste trabalho é demonstrar a concepção justiniana de reta razão. Que atitudes Justino entende como pertencentes ao uso correto da razão, e quais atitudes representam o uso mau e defeituoso da razão. Com este trabalho, pretende-se estabelecer uma proposta ética a partir das considerações da II Apologia.

Palavras-chave: Reta Razão. Apologias. Justino. Moral Cristã. Patrística.

¹ Doutorando em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Valparaíso. Licenciado em Filosofia pela Universidade Católica de Santos. *E-mail*: jeffersonvicentino@hotmail.com. Agradeço profundamente ao Professor Frederico Augusto Bonaldo pelo apoio para a elaboração deste trabalho.

ABSTRACT

In the Second Apology, Justin, just as in the first one, demonstrates his protests against the injustices committed against Christians by the Roman Empire. This, directed at the authorities of the Empire, denounces the slanderous accusations made against Christians, from which they are unfairly judged and condemned. According to Justin, Christian conduct, contrary to what is called, is excellent and exemplary, so that Christians, as citizens, are honorable and virtuous people. As human beings, the conduct of Christians must be copious and excusing. For Justin, Christians do well because they allow themselves to be guided by the right use of reason. Starting from this Justinian conception of Christian conduct, it is possible to establish the ethical-moral vision in the Second Apology, analyzing which acts are understood as virtuous and upright, and which are vicious and evil, absent from the correct use of reason, thus demonstrating what is and what right reason consists of. Therefore, the objective of this work is to demonstrate the Justinian conception of right reason. What attitudes Justin understands as belonging to the correct use of reason, and what attitudes represent the defective use of reason. With this work, it is intended to establish an ethical proposal based on the considerations of the II Apology.

Keywords: Straight Reason. Apologies. Justin. Christian Morality. Patristic.

INTRODUÇÃO

As Apologias de Justino são uma forma encontrada para expor às autoridades do Império Romano os abusos e injustiças nos julgamentos aos cristãos, e sua inocência diante das acusações. De acordo com Justino, os cristãos são cidadãos exemplares e honrados, e que cumprem suas obrigações como cidadãos. São construtores da paz e da estabilidade, e ajudam na manutenção do Império. Para Justino, os cristãos devem ter caráter e honestidade, e seu proceder deve ser exemplar e copioso, e aqueles que se dizem cristãos, devem viver retamente, de acordo com a reta razão: todas as decisões e ações dos cristãos devem ser corretas, de acordo com o bom uso da razão. A partir desta concepção, é possível traçar a visão justiniana de reta razão, e delimitar os atos concernentes ao reto agir, bem como aqueles que não lhe correspondem.

A maneira como alguém conduz sua vida mostra como este ocupa a sua faculdade intelectual. São várias as atitudes que estão dentro dos limites da reta razão, e que fazem daqueles que as buscam pessoas justas e virtuosas. Por outro lado, ações que diferem ou são contrárias àquelas que Justino inclui em seu conceito de razão reta, fazem parte de seu oposto; o mau uso da razão, o uso defeituoso da razão. Para delimitar o conceito de reta razão na Segunda Apologia, é essencial olhar de perto os exemplos em que o autor identifica como correspondentes à reta razão, ou como irracionais.

O objetivo deste trabalho é aprofundar o conceito de reta razão na Segunda Apologia, mostrando em que consiste o bem agir, de acordo com a reta razão, e em que consiste agir a partir do uso defeituoso da razão. Este trabalho se detém na Segunda Apologia de Justino, e tem como bibliografia secundária outras obras que apontam para o mesmo horizonte de nossa proposta. O desenvolvimento desta pesquisa se dá em quatro seções. Na primeira, observaremos em que consiste o uso reto e defeituoso da razão por meio de um exemplo concreto, descrito por Justino. No segundo, demonstramos o modelo de mau uso da razão em um caluniador citado na II Apologia. Na última seção, observamos a concepção de razão correta aplicada ao direito e à justiça em uma sociedade.

1 O RETO USO DA RAZÃO E O MAU USO DA RAZÃO

Para Justino, o correto uso da razão conduz a uma vida horrorosa, íntegra e, de igual maneira, é plenamente conveniente à natureza humana. Por outro lado, o uso defeituoso e errado da razão, conduz a uma vida insignificante e imperfeita, que

nunca encontrará a felicidade. Justino apresenta o correspondente à reta razão e o seu oposto por meio de um caso: trata-se de um casal, no qual tanto a esposa quanto o marido se entregavam à vida licenciosa e aos prazeres desregrados. Contudo, quando a mulher conhece o cristianismo e se converte, sua vida muda completamente, e então abandona os costumes aos quais se dedicava, adotando um novo comportamento, muito diferente daquele que seguia.

Certa mulher vivia com o seu marido, homem dissoluto, e antes de se tornar cristã, se entregara à vida licenciosa. Todavia, logo que conheceu os ensinamentos de Cristo, não só se tornou casta, como procurava também persuadir seu marido à castidade, referindo-lhe os mesmos ensinamentos e anunciando-lhe o castigo do fogo eterno, preparado para os que não vivem castamente e conforme a reta razão²

Aqui fazemos uma distinção: viver de acordo com a reta razão não significa estritamente ser cristão; seu significado está além de uma opção religiosa. Os costumes que Justino considera como racionais e pertencentes à reta razão, embora os considere cristãos por excelência, vão além de pertencer a um credo religioso. Assim, pode-se escolher viver com retidão e não professar o credo cristão. É verdade que o cristianismo, de acordo com Justino, é uma religião cujos ensinamentos conduzem a uma vida reta e virtuosa: mas observemos que, para Justino, viver de acordo com a reta razão não significa ser, estritamente, só para ser cristão, mas sim viver racionalmente. Por tanto, as chaves para entender em que consiste esse “viver retamente”, Justino nos dá³.

O respeito e prudência são as bases do reto uso da razão. O respeito e a prudência ao relacionar-se, ao lidar-se com o outro, e consigo mesmo, é a ideia que Justino defende na Segunda Apologia, e que mais se identifica com a sua ideia de reto uso

² Justino, *II Apologia*, 65.

³ No início da Apologia, Justino observa que a atitude dos governantes em todo o Império Romano é irracional, pois cometem injustiças com inocentes. Da mesma forma, Justino observa que aqueles que se entregam ao prazer desregrado e permanecem obstinados na maldade, não vivem virtuosamente. Portanto, viver de acordo com a reta razão, mesmo que seja semelhante a uma vida cristã, como o próprio Justino observa, é independente de uma profissão de fé. Justino, *II Apologia*, 65. Seguindo esta linha, segundo Alessandro Arzani, Justino defende a liberdade de escolha do homem. Em outras palavras, o homem sempre pode escolher entre agir viciosamente ou virtuosamente. Isto ocorre porque o gênero humano possui as “sementes do Verbo” que, grosso modo, é uma participação divina em cada ser humano. Por este motivo, é possível escolher entre agir racionalmente e “saber” o que é racional em qualquer situação da vida. Arzani, Alessandro. “As Ações Anticristãs”, p. 26

da razão. Justino entende que uma atitude de respeito pelo modo de vida do outro; a identificação de atitudes que são más e a exortação, por meio do diálogo, para abandoná-las, correspondem ao reto uso da razão. Da mesma forma, a reta razão exige uma atitude de respeito próprio. A Segunda Apologia considera que o abandono às paixões e prazeres corporais; a luxúria e a dissolução, são demonstrações não apenas do mau uso da razão, mas também de realidades que violam a natureza humana. E, de igual modo, uma falta de respeito para si mesmo⁴.

A fidelidade, a castidade, a honestidade e a justiça, são as virtudes que correspondem ao uso adequado da razão. A dissolução, o prazer excessivo, a ganância, a incompreensão, o desrespeito e a violência, são as representações mais profundas do uso defeituoso da razão. No exemplo do casal dissoluto, Justino apresenta o seu ideal de reto uso da razão, em contraposição ao seu mau uso, destacando quatro atitudes realizadas pela mulher após sua conversão ao cristianismo, que são a demonstração do reto uso da razão. São elas: (1) Mudança de vida; (2) anúncio do modelo de vida reta; (3) reconhecimento das exigências da vida correspondente à reta razão, e (4) esforço para manter-se neste comportamento. Examinaremos cada uma dessas atitudes.

(1) – Conhecer os ensinamentos do cristianismo não é suficiente para que alguém se julgue cristão. O verdadeiro cristão deve se esforçar constantemente para materializar em sua vida os preceitos e tudo o que diz respeito à doutrina de sua religião⁵. A conversão é uma verdadeira mudança de vida, onde todos os costumes e práticas que não correspondem à atitude cristã, devem ter um fim. Da mesma forma, agir corretamente não consiste em apenas saber acerca do comportamento correto: conhecer o certo é o primeiro passo para agir corretamente. Depois de conhecer o que concerne à reta razão, bem como identificar o que não lhe corresponde, é imprescindível uma mudança de atitude, escolhendo o estilo de vida mais excelente, ou seja, de acordo com a reta razão⁶.

⁴ “Com efeito, esta considerava uma coisa ímpia continuar partilhando o leito com um homem que só procurava meios de prazer a todo custo, contra a lei da natureza e contra o que é justo (...)” Justino, II Apologia, 65.

⁵ Na primeira Apologia, Justino afirma categoricamente: “Aqueles que não vivem de acordo com os ensinamentos de Cristo e são apenas cristãos, não somos os primeiros a pedir que sejam punidos”. Justino, I Apologia, 28.

⁶ Segundo Justino, o *logos* que os cristãos possuem, permite que procedam de forma correta e exemplar. Assim, não basta simplesmente saber o que é certo e o que diz respeito à reta razão, mas praticá-la, aplicá-la efetivamente na vida. Arzani, Alessandro. “As Ações Anticristãs”, p. 112.

(2) – Mas, uma mudança de vida não é totalmente suficiente, ou seja, não é o último passo do reto agir. Aquele que vive de acordo com a reta razão, deve se esforçar para anunciar este modo de vida àqueles que ainda não a descobriram ou que a rejeitam. A reta razão exige uma atitude de compromisso e coragem. Justino deixa claro na Segunda Apologia a importância da comunicação dentro de seu projeto moral⁷. A sociedade permanece mais justa quando todos agem de acordo com a reta razão e, portanto, devemos trabalhar para tornar conhecidos os comportamentos a ela relacionados.

O texto de Justino é dirigido aos governantes, justamente porque sua posição influencia diretamente a vida de todos e porque, da mesma forma, são responsáveis pela justiça⁸. Ao comunicar aos governantes o que é próprio do reto agir, Justino anseia que essa informação se transforme em atitudes concretas, e que eles, a partir de seu conhecimento, possam decidir proceder bem e virtuosamente.

Portanto, nós vos suplicamos que, subscrevendo como vos pareça, deis publicidade a este livro, a fim de que também os outros conheçam a nossa religião e se vejam livres da vã opinião e da ignorância em relação ao bem. Por sua própria culpa, eles se tornam responsáveis pelo castigo, pois na natureza humana existe a faculdade de conhecer o bem e o mal (...)⁹

Deste modo, um governo que se baseia na reta razão, não somente permite a liberdade de crença para seus cidadãos, mas também a liberdade de pensamento e de imprensa¹⁰. O conhecimento deve ser livremente compartilhado, e os governantes não devem permitir a segregação ou preconceito, muito menos incentivá-los. Justino parte do princípio de que todos podem conhecer o bem e o mal; Mas, se houver um interesse ideológico e tendencioso na circulação da informação por parte das

⁷ Com muito mais força na introdução e na conclusão do seu texto. “...*todo aquele que é repreendido pelo pai, vizinho, filho, amigo, marido ou mulher por causa de uma falta, se volta contra nós [cristãos], por sua obstinação no mal, por seu amor ao prazer e por sua impotência para seguir o que é bom...*” Nesta parte da introdução à Segunda Apologia, nota-se que, para Justino, deve ser comunicada a conduta pertencente à reta razão. Justino, *II Apologia*, 65. Na conclusão da II Apologia, Justino insiste neste ponto. Justino, *II Apologia*, 73.

⁸ Francisco García, “Justino de Roma, el primer filósofo católico”, **Teología y Vida** 52 (2011): 16.

⁹ Justino, *II Apologia*, 73.

¹⁰ No fim da Segunda Apologia, Justino protesta: “*Com efeito, segundo julgamento prudente, as nossas doutrinas não são vergonhosas, mas superiores a toda filosofia humana. Se não são tais, ao menos não se parecem com as de Sotades, Filênida, Arquestrato, Epicuro e outros, nem são semelhantes às de poetas que, oralmente ou por escrito, vos permitis que sejam conhecidas por todo mundo.*” Justino, *II Apologia*, 73.

autoridades, as pessoas podem facilmente ser manuseadas, e agir de acordo com esses interesses. A demagogia é um exemplo de uso incorreto da razão. A reta razão, além de exigir o compartilhamento da verdade, exige responsabilidade, porque depois de obter o conhecimento do bem e do mal, a pessoa se torna mais responsável por seus atos, e não poderá reivindicar inocência.

(3) - Depois de perceber que a tentativa de mudar a vida do marido não funciona, a terceira atitude da mulher é rechaçar ajustar-se às más atitudes dele. Quando se começa a viver virtuosamente, não se deve compactar com atitudes que estão longe da virtude, mesmo que tais atitudes venham de pessoas próximas. Há uma distinção a ser feita aqui entre “afastar-se da atitude” e “afastar-se da pessoa”. Atitudes que prejudicam a reta razão, devem ser rejeitadas pelos virtuosos: estes devem permanecer longe delas.

A vida à luz da reta razão exige fidelidade. É contra a reta razão ter dois comportamentos; dois modos distintos de agir. A falsidade, em todos os seus níveis, é um exemplo do uso incorreto da razão¹¹. A terceira atitude da mulher nos permite analisar e / ou propor exemplos de comportamento correto em diferentes ambientes e situações da sociedade, especialmente no ambiente político. O reto político, mesmo que esteja imerso em um ambiente corrupto, não se envolve em esquemas onde possa lucrar ilícitamente. Ele se recusa veementemente a participar de algo desta natureza, buscando governar e fazer sua parte da maneira mais limpa possível, mesmo que esta atitude possa prejudicá-lo. Viver retamente não significa estar isento de privações ou sofrimento: é justamente o contrário. O reto atuar, portanto, é uma atitude que exige fidelidade, coragem e valentia¹².

(4) - A última atitude da mulher é o divórcio. Para ela, se torna ímpio “*continuar partilhando o leito com um homem que só procurava meios de prazer a todo custo, contra a lei da natureza e contra o que é justo*”¹³. Com esta quarta atitude, Justino não propõe que nos afastemos de nossa sociedade se ela não mude; ou que formemos casamentos apenas entre cristãos. A causa do divórcio em questão é a maneira como o marido

¹¹ “Com efeito, quem nega alguma coisa, seja o que for, ou a nega porque a condena ou recusa confessá-la por saber que é indigno ou alheio a ela; nada disso convém ao verdadeiro cristão.” Justino, *II Apologia*, 66.

¹² Justino comenta que, antes de sua conversão, como o intrigava ver os cristãos permanecerem fieis aos seus princípios religiosos, do que se entregarem aos prazeres e ao mal, mesmo com a ameaça de morte. Assim, para Justino, a reta razão requer uma atitude ética firme, que não recalçitrará em hipótese alguma. Justino, *II Apologia*, 72.

¹³ Justino, *II Apologia*, 65.

vivia. A atitude cristã, como vimos, não está em afastar-se da pessoa vil, mas sim em afastar-se da vileza. Contudo, o caso apresentado termina em divórcio porque a situação se torna incontrolável e insustentável, podendo até mesmo colocar em risco o modelo de vida reta que a mulher havia escolhido¹⁴. Permanecer longe do vicioso é mais saudável do que estar perto dele, já que existe o risco de um processo de assimilação com a conduta do vicioso; principalmente quando o que se tem é um relacionamento conjugal. Muitas vezes, é mais sensato distanciar-se do ímpio do que tentar convencê-lo a viver com retidão, e mudar sua atitude. Esta é uma maneira de se preservar e permanecer firme no reto uso da razão. Quando alguém deseja agir bem e virtuosamente, deve afastar-se das realidades viciosas, que o impedem de viver retamente¹⁵.

Justino observa que o prazer é facilmente elegível por ser fácil e parecer racional; mas aquele que busca o caminho da reta razão, busca renunciar a esses prazeres¹⁶. Com um exemplo é possível esclarecer melhor este ponto: Imaginemos dois amigos que se conhecem desde a infância. O que os diferencia é seu modo de viver: um, busca uma vida correta, e o outro é viciado em drogas. O viciado constantemente oferece a seu amigo, oportunidades de introduzir-se no vício, experimentando drogas pela primeira vez. O outro, por sua vez, demonstrando virtude, resiste tentando convencer a seu amigo em sair daquele caminho. Se os convites do viciado se tornam mais oportunos e sedutores, pondo em risco o comportamento correto do virtuoso, o melhor que ele pode fazer é se afastar de seu amigo, desfazendo a amizade. O caminho da reta razão exige a ausência de situações que possam prejudicar a conduta reta, embora, a princípio, esta decisão traga muita dor psicológica e demande muito esforço.

Assim, Justino deixa claro que o reto uso da razão conduz à prudência, onde se aprende a observar e a agir de acordo com as circunstâncias. A reta razão oferece os caminhos aos quais se deve recorrer a fim de permanecer em uma vida justa, e livrar-se das situações que podem impedir a retidão. A partir da reta razão, nos tornamos mais atentos, identificando as realidades que a prejudicam, e agimos sempre para a sua preservação.

¹⁴ “*Ele, porém, obstinado na dissolução, com a sua conduta desanimou a sua mulher*”. Justino, *II Apologia*, 65.

¹⁵ “*O marido teve que fazer uma viagem para Alexandria e logo a mulher ficou sabendo que ele cometia lá maiores excessos ainda. Depois disso, para não se tornar cúmplice de tais iniquidades e impiedades, permanecendo no matrimônio e partilhando o leito e a mesa com tal homem, ela apresentou o que entre vós se chama “libelo de repúdio”, e separou-se*”. Justino, *II Apologia*, 65.

¹⁶ Justino, *II Apologia*, 71.

2 CRESCENTE É UM EXEMPLO DO MAU USO DA RAZÃO

Justino aponta para um personagem de sua época chamado Crescente, que era um filósofo da escola cínica¹⁷. Segundo Justino, ele compartilhou calúnias sobre os cristãos ao povo, a fim de gerar um preconceito, resultando em perseguição e sofrimento aos adeptos do cristianismo da época. O comportamento de Crescente é evidentemente reconhecido como o inverso a reta razão, bem como um exemplo de como não se deve agir, se se quer agir bem¹⁸.

A verdade e a reta razão estão intimamente relacionadas. A conduta correta é uma conduta transparente e verdadeira, onde mentiras e falsidades não têm lugar. O modelo de filósofo que Justino estabelece em sua obra é “aquele que busca a verdade, vive segundo a verdade e compartilha a verdade”¹⁹. Portanto, somente pela reta razão, se pode ser filósofo, porque a reta razão exige um comportamento racional e crítico: um comportamento filosófico. Por isto, Justino defende que Crescente não é um filósofo, nem vive de acordo com a reta razão, pois vive em desordem e ostentações, e também porque espalha calúnias contra os cristãos, com o objetivo de prejudicá-los.

Eu mesmo espero ser vítima das ciladas de algum desses demônios aludidos e ser cravado no cepo, ou pelo menos das ciladas de Crescente, esse amigo da desordem e da ostentação. Não merece o nome de filósofo um homem que, sem saber uma palavra sobre nós, nos calunia publicamente, como se nós, cristãos, fôssemos ateus e ímpios, espalhando essas calúnias para congratular-se e agradar a multidão transviada²⁰.

A verdade deve sempre prevalecer, independentemente das circunstâncias²¹, e a mentira deve ser rejeitada, pois é má, ímpia e tem poder destrutivo. A verdade deve prevalecer sobre os privilégios ou benefícios que podem ser alcançados por sua

¹⁷ Há pouca bibliografia sobre este filósofo. As informações que são encontradas, o relacionam com acusações de cristãos e seus debates com Justino. Sobre este tema e o filósofo Crescente, Cf. José Antonio Martín García. “Los Filósofos Cínicos y la Literatura Moral Serioburlesca”.

¹⁸ Justino, *II Apologia*, 69. Alessandro Arzani observa que, segundo Justino, o preconceito, a fofoca e a divulgação de boatos perniciosos são exemplos de falta de razão. Somente pessoas que agem irracionalmente, praticam o mal e causam danos aos outros. Arzani, Alessandro. “*As Ações Anticristãs*”, pág. 57.

¹⁹ Justino, *II Apologia*, 69.

²⁰ *Idem*.

²¹ “*Acrecentamos nossas súplicas a Deus, para que a todos os homens de todo o mundo seja concedido conhecer a verdade.*” Justino, *II Apologia*, 73.

ocultação. A reta razão não admite que alguém, buscando agradar, pareça ser algo que não é, ou divulgue mentiras sobre algo ou alguém; seja por medo de sofrer, para preservar sua imagem, etc. Viver retamente é viver verdadeiramente, não de aparências.

Mas se as minhas perguntas e respostas já tivessem chegado ao vosso conhecimento, por elas ficaria claro para vós que ele (Crescente) não entende nada sobre nossa religião. Se ele sabe e, a exemplo de Sócrates, como eu disse antes, não se atreve a falar por medo daqueles que o escutam, não é homem que ama o saber, mas a opinião, como quem não aprecia o dito socrático tão digno de ser apreciado: “Não se deve estimar nenhum homem, acima da verdade.”²²

Da mesma forma, pessoas que gozam de prestígio e popularidade, como artistas, governantes, intelectuais, etc., têm uma responsabilidade maior em relação às pessoas comuns. Justino observa em distintas partes de suas Apologias, esta característica da pessoa famosa e influente de uma sociedade. Estas pessoas devem ter em mente que serão ouvidas por muitos, e que aquilo que dizem pode se tornar uma regra, ou reverberar incontrolavelmente entre o vulgo. Assim, devem averiguar a veracidade dos fatos, antes de afirmar algo sobre algo ou alguém, levando em consideração que uma mentira, ou uma afirmação sem fundamento, pode gerar consequências terríveis e inimagináveis no meio em que é difundida. O homem influente e conhecido, que se vale da reta razão, é aquele que faz a sua parte por uma sociedade mais compreensível e justa, e é prudente em suas palavras.

Por outro lado, a busca pelo conhecimento é uma demonstração do correto uso da razão. Questionar, problematizar, perguntar o porquê, ouvir os dois lados, aprofundar um tema de debate, pesquisar bem antes de delimitar uma opinião e ler, são os exemplos mais profundos do reto uso da razão²³. Justino identifica o saber como superior ao não saber: a posse da informação como mais perfeita do que sua ignorância²⁴. Na primeira Apologia, Justino já havia dito que, depois de saber em que consistia a religião cristã, o imperador Tito Elio Adriano e as autoridades responsáveis pela justiça no Império, já seriam plenamente responsáveis por todas as

²² Justino, *II Apologia*, 70.

²³ Sobre este tema, observar a valoração da atividade intelectual dos filósofos que precederam a Jesus Cristo, como Heráclito, Sócrates e Platão. *Ibidem*, 71.

²⁴ *Ibidem*, 73.

suas atitudes em relação aos cristãos²⁵. Na Segunda Apologia, a ignorância do povo é nociva e oportuna para os influentes e governantes, pois assim podem manuseá-los a fim de alcançar interesses políticos²⁶. Assim, é uma atitude acorde com a reta razão não confiar cegamente no que se diz, no que se ouve, em tudo o que se anuncia, pois o perigo de cair em discursos demagógicos existe e é latente. O conhecimento, a pesquisa, o debate, a crítica, o contra-argumento, devem ser buscados sempre. Deve-se esforçar constantemente por não permanecer no *sensus communis*. Uma opinião deve estar alicerçada em bases sólidas e racionais; e não em falácias, preconceitos e, principalmente, no “*ouvir falar*”.

De fato, se ele [Crescente] nos persegue sem ter encontrado a doutrina de Cristo, é homem absolutamente mau e que se coloca muito abaixo do próprio vulgo dos ignorantes, os quais com frequência se preservam de falar do que não entendem e, principalmente, de levantar falsos testemunhos; se leu, não entendeu a sua sublimidade; se a entendeu e age assim para ninguém suspeitar que ele é cristão, então é ainda mais miserável e mau, pois se deixa vencer pela opinião vulgar e irracional e pelo medo²⁷.

3 A VIRTUDE E O VÍCIO

A escolha pela vida virtuosa não consiste estritamente em uma decisão religiosa. Não se trata de uma conversão ao cristianismo, por exemplo, ou de uma adesão a uma religião. A virtude não deve ser exercida por medo do castigo divino, mas sim porque é o verdadeiro caminho para a felicidade²⁸. Justino não defende a virtude como forma de se livrar da condenação eterna; sua visão sai do campo transcendental e se instaura no cotidiano, na sociedade. A virtude é bela por si mesma, e o seu exercício permite ser mais excelente como pessoa e, logo, alcançar a felicidade. Se a virtude e o vício estivessem no mesmo nível, os legisladores não puniriam aos que transgredissem as leis de seu país, nem aqueles que alcançam conquistas gloriosas e belas deveriam ser

²⁵ *Ibidem*, 21.

²⁶ *Ibidem*, 70. Observe como Justino indica Crescente como caluniador de cristãos, e como suas ações podem manobrar as pessoas contra os cristãos.

²⁷ Justino, *II Apologia*, 69 - 70.

²⁸ “*Nós estamos persuadidos de que alcançam a felicidade todos aqueles que se desfazem dos bens aparentes e seguem o que parece duro e contra a razão.*” *Ibidem*, 71.

honrados. Assim, a razão correta não é apenas o oposto do uso defeituoso da razão. A conduta acorde com a reta razão é mais excelente e recompensadora do que a atitude baseada no uso defeituoso da mesma²⁹, além essa ser o verdadeiro caminho para a felicidade.

Justino recorre à mitologia grega para explicar a diferença entre virtude e vício, e o que diz respeito à sua adesão. Apresenta a história de Xenofonte, onde as deusas Kakia e Arete aparecem a Hércules e fazem duas propostas diferentes³⁰. Kakia, que se veste com vaidade e tem uma aparência atraente, diz a ele que se ele a seguisse, ele teria uma vida fácil, de prazeres e alegrias. Por outro lado, Arete, com um semblante severo, diz-lhe que, se o seguisse, não teria uma vida fácil, mas sim gloriosa, e se vestiria com ornamentos eternos, e não temporários. A razão correta consiste em escolhas aparentemente ilógicas e contra a própria razão. Escolher uma vida difícil, laboriosa e regrada em vez de uma vida prazenteira, desregrada e fácil parece ilógico. Mas, é somente aparentemente ilógico.

A reta razão pede um olhar amplo para si mesmo, para o espírito, para a natureza, e rejeita o que é aparente e fugaz. O uso incorreto da razão leva à preocupação com bens externos e materiais. A vaidade; o apego ao material; a exploração e abuso dos prazeres sensíveis; a busca de bens que nada acrescentam ao espírito, o hedonismo desregrado; a obtenção de bens materiais, o luxo e o orgulho, são resultados do mau uso da razão. A reta razão, por outro lado, leva a um comportamento humilde, solícito e adverso aos bens materiais. A reta razão exige um olhar para si mesmo, para a aquisição de virtudes e para o trabalho em permanecer cada vez mais excelente e virtuoso; rejeita os bens materiais e a ganância, e promove à autocrítica e a aquisição de virtudes.

Nós estamos persuadidos de que alcançam a felicidade todos aqueles que se desfazem dos bens aparentes e seguem o que parece duro e contra a razão. Porque a maldade veste as suas ações com as qualidades da virtude e do que é de fato bem, remedando o incorruptível, pois ela em si não tem nada de incorruptível e nem é capaz de produzi-lo, e torna escravos seus os homens que se arrastam pelo chão, atribuindo à virtude os males próprios da maldade. Contudo, os que compreendem

²⁹ “E os que se consideram filósofos não aleguem que são apenas ruídos e espantelhos o que afirmamos sobre o castigo que os iníquos sofrerão no fogo eterno, e que nós exigimos que os homens vivam retamente por medo e não porque a virtude é bela e gratificante.” *Ibidem*, 70.

³⁰ Justino, *II Apologia*, 71.

os bens verdadeiros, próprios da virtude, também se tornam incorruptíveis pela virtude³¹.

Na citação acima, observamos que Justino aponta claramente que, por estar muito preocupado com o aparente, os homens podem esquecer-se de si mesmos, e de se esforçar para melhorar enquanto pessoa. É totalmente contra a reta razão estar rodeado de abundantes e soberbos bens materiais; ter poses luxuosas e aparentar muita beleza; e ser pernicioso, vingativo, rancoroso, ímpio e corrupto. Por outro lado, a humildade, a simplicidade, a disponibilidade, a prudência, a temperança e o bom senso são bens obtidos pela reta razão, e que não se estragam, a diferença dos bens materiais e aparentes.

4 A RETA RAZÃO, O DIREITO E A SOCIEDADE

Para Justino, o cidadão exemplar é aquele que age com retidão. Isto consiste em respeitar as leis; contribuir para a ordem da sociedade; respeitar aos governantes e autoridades³², e cumprir as obrigações como cidadão³³. No entanto, uma pergunta pode ser feita a Justino: em que medida seguir as leis e ser um cidadão exemplar, de acordo com o que a moral de uma sociedade propõe, corresponde a agir segundo a reta razão? Se se observa que existem nações diferentes e que os costumes e as leis mudam entre elas, como podemos ter certeza de que o conjunto de leis da sociedade em que vivemos é “correto”, ou que agimos mal por obedecer a uma lei? Questões que parecem contradizer o sistema justiniano.

Para explicar o surgimento de leis injustas e más, Justino recorre à sua concepção de cristandade. Para ele, os anjos maus estabelecem leis de acordo com sua maldade, e os homens maus, ou seja, aqueles que não usam a razão de forma correta, e que se identificam com a maldade, adotam estas leis e as transformam em leis para a sociedade³⁴. Porém, a reta razão detecta o defeituoso, o imperfeito e o injusto, e é

³¹ *Idem.*

³² “*Todavia, como os legisladores não são injustos e o Pai deles ensina, através do Verbo, a fazer o que ele mesmo faz, não são injustos os que a eles aderem.*” Justino, *II Apologia*, 70.

³³ Na primeira Apologia, Justino observa: “*Portanto, nós somente a Deus adoramos, mas em tudo o mais nós servimos a vós com gosto, confessando que sois imperadores e governantes dos homens [...]*” *Ibidem*, 29.

³⁴ Roque Frangiotti, em sua introdução à Segunda Apologia, observa que Justino não argumenta bem quando recorre aos demônios como tentativa de explicar o mal no mundo. Segundo o comentarista, nisto Justino é fruto de seu tempo, no qual se desenvolve a demonologia. Frangiotti, Roque. *II Apologia*, 63.

por isto que estas leis são trocadas por outras mais excelentes. Assim, os homens que vivem pela reta razão, perceberão a existência de leis imperfeitas em sua sociedade, e as denunciarão. Os governantes justos, ao substituir os cargos dos maus governantes, ou aqueles mesmos, iluminados pela reta razão, irão revisar as leis injustas e trocá-las por melhores. Para Justino, basta o uso da reta razão para saber o que é realmente bom e justo.

E se nos objetam que existe diversidade de leis entre os homens e que aquilo que uns consideram bom, outros o consideram mau, e o que é belo para estes é vergonhoso para aqueles, respondemos da maneira que segue. Em primeiro lugar, sabemos que os anjos maus estabelecem leis semelhantes à sua própria maldade, nas quais se comprazem os homens que estão com eles; por outro lado, ao chegar depois a reta razão, ela demonstra que nem todas as opiniões, nem todas as leis são boas, mas umas são boas e outras más. Assim ou algo semelhante responderemos a eles³⁵.

Desta forma, as leis injustas, depois de identificadas, devem ser comunicadas, e é necessário o devido esforço para alterá-las. Os homens justos devem se esforçar, por meio do diálogo e da argumentação, para convencer os outros de que essa lei é defeituosa³⁶. Por outro lado, devido à insistência de Justino na autoridade romana para a publicação de seu texto, conclui-se que a reta razão não conduz a uma atitude puramente intelectual, isto é, ao conhecimento de que consiste e em que se resume o reto agir: Mas sim, a ação efetiva, a vida mesma, a uma atitude prática. Agir virtuosamente é superior e mais excelente do que o vício e o mal agir. E, acima de tudo, o comportamento acorde com a reta razão, é mais coerente e própria da natureza humana³⁷.

CONCLUSÃO

Neste trabalho, demonstramos a visão de Justino de Roma sobre a reta razão e seu uso, de acordo com as abordagens da Segunda Apologia. Partindo da concepção cristã proposta por Justino, delimitamos as atitudes quanto ao uso correto da razão. Observamos que, para delimitar o conceito de reta razão em Justino, teríamos

³⁵ Justino, *II Apologia*, 70.

³⁶ *Ibidem*, 66. Conferir também: p. 71. (10, 1- 8)

³⁷ *Ibidem*, 73.

que observar quais comportamentos o autor interpreta como pertencentes à reta razão, e quais não; quais situações considera justas e virtuosas, e quais situações são interpretadas como más e viciosas.

O caso da mulher casada convertida ao cristianismo, propõe um modelo de reto agir. Dividimos o comportamento da mulher em quatro momentos, nos quais observamos que não basta apenas saber o que corresponde à reta razão, mas é preciso agir corretamente: isto, muitas vezes, pode levar a desconfortos e rechaço ao prazer. Observamos que, para continuar no caminho da retidão, muitas vezes é necessário dizer não a si mesmo e fugir das ocasiões que podem proporcionar a corrupção de quem pretende viver na retidão.

Em geral, concluímos que virtude, honestidade, bom senso, prudência, humildade, temperança e bom senso, são exemplos explícitos do uso correto da razão. Embora Justino não mencione literalmente todos esses e outros adjetivos que listamos na obra, suas abordagens permitem concluir que eles estão claramente relacionados ao uso correto da razão. Por outro lado, o preconceito, a fofoca; a conduta pernicioso e vingativa; o ressentimento, a impiedade e a corrupção dos bons costumes, são exemplos do uso defeituoso da razão.

Concluímos afirmando que, segundo Justino, agir com retidão é a melhor opção para o homem, de modo que, tanto individualmente quanto socialmente, a reta razão só traz benefícios, além de significar o bom exercício da capacidade distintiva do homem: o raciocinar.

REFERÊNCIAS

- ARZANI, Alessandro. **As ações anticristãs segundo as apologias de Justino Mártir**. 2013. 151 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2013.
- ANTISERI, Darío. **História da Filosofia: patrística e Escolástica**. 3. ed. São Paulo: Paulus: 2007.
- FIGUEIREDO, Fernando Antonio. **Curso de teologia patrística I: a vida da igreja primitiva (Seculos I e II)**. 3. ed. Petropolis: Vozes, 1990.
- GARCÍA, Francisco. Justino de Roma, el primer filósofo católico. **Teología y Vida**, Santiago, v. 52, n. 1-2, p. 11-34, 2011.
- JUSTINO DE ROMA. **I e II Apologias**. Tradução de Ivo Storniolo e Euclides M. Balancin. São Paulo: Paulus, 1995.
- XAVIER, Erico Tadeu. Justino Mártir: um filósofo em defesa da fé cristã. **Kairós: Revista Acadêmica da Prainha, Fortaleza**, v. 10, n. 1, p. 57-74, 2013.